

## Tarso de Melo: Poemas<sup>1</sup>

Vera Lins

Essa é a reunião dos livros de poesia de Tarso de Melo, poeta paulista (Santo André, 1976), advogado e professor. Colabora em diversos jornais e revistas e tem publicados os livros dessa coletânea, de 1999 a 2014. Editou as revistas *Monturo* e *Cacto* com Eduardo Sterzi.

Uma coletânea faz pensar no que há de comum nos poemas ali reunidos, o que os aproxima e os diferencia.

A primeira página abre com um poema do livro mais recente sobre a morte de Oscar Niemeyer, o arquiteto em meio à violência do mundo,

E Oscar, menino antigo, regendo o mundo com o lápis infinito,  
interrompia as curvas do concreto para gravar as baixas

das trincheiras, do Pacífico, do Mar do Norte, Belgrado  
[...]

Essa violência e seu impacto são constantes nos outros poemas do livro *Novos poemas* de 2013-2014. Uma visão trágica se delineia como em “Variações sobre o medo”, com a constatação: “não há mais um mundo a ser criado”.

*Caderno inquieto*, de 2012, livro seguinte na antologia, fala da linguagem, das palavras e do que lhes escapa. Há três poemas com o título “Poética”. O primeiro termina com uma reflexão sobre o que escapa ao dizer: “O que se há de dizer escapa: cruza o rio de palavras/e chega, cada vez mais seco, à outra margem”.

Como dois poemas com o título de “Aula” falam de sede e espanto. Retoma a comparação da vida a um livro e no poema “Caderno inquieto”, que dá nome ao seu livro, a desenvolve, mas termina negando-a: “que é todos os livros porque é nenhum”. Uma ironia com objetos cotidianos, como o celular, está presente, mas acompanhada por uma aposta na palavra.

<sup>1</sup> Tarso de Melo. *Poemas 1999-2014*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

Um pensamento sobre a vida, o corpo e a palavra vai tomando forma e perpassa todos os livros. Aparece a cidade, o sem-teto, junto com a reflexão sobre o poema. Reflexão que continua nos próximos livros: a palavra, a fala, a vida, em meio ao desespero, à tragédia e à dor.

Em *Exames de rotina*, de 2008, o poema em prosa se torna sua marca. Em “Lugar algum”, a cidade com suas praças e avenidas e filas é objeto do poema. O livro se subdivide: em “Primeiros passos”, continua a cidade e o exílio do poeta, que passa por ela, vendo “a dor das placas”, “que anunciam /o preço da manhã/da noite/de tudo”. Em “Outras quadras” o poema em prosa fala das demolições, dos canteiros de obras, das vitrines, de “uma fina linha escura levando nada a lugar algum”. E o poema “Vagas” (p. 130) fala da cidade cheia:

há sempre mais pessoas e carros e coisas  
do que ela poderia acomodar, há sempre  
mais pressa e paredes, mais passos a dar  
(a cidade invade comprimida a memória  
[...])

E no poema “Labirinto” (p. 131) volta a confusão da cidade, em que o poeta é o passageiro confinado.

é da ordem do lugar não conseguir voltar  
conscientemente ao mesmo ponto perder  
a cada passo o rumo previsto e qualquer  
segurança no que vem a seguir, é comum,  
mesmo quando há menos pessoas (e quase  
nunca há menos pessoas aqui) que lojas  
troquem de lugar quando as procuramos  
barbearias viram casas de café que viram  
lojas de bugingangas que viram alfaiatarias  
[...])

Em *Por nada*, retorna mais uma vez à cidade e seus personagens. Em *Nenhum canto*, os poemas terminam com os mesmos versos, com algumas pequenas varia-

ções: “a lua absoluta/ e um sol opaco eram tudo/ o que vinha do céu”. Em *Era de aquário*, nos poemas numerados como documentos, de novo a cidade e o desespero de seus habitantes. A cidade é um aquário que sufoca e irrita. Como diz no poema “01311-940” (p. 169):

se é o coração da cidade  
 o pulmão da economia  
 o cérebro do país  
 se há mais letras (ideias,  
 vinganças, catástrofes  
 de câmbio) do que é possível.  
 se tudo está à venda  
   e o vidro  
 exagero translúcido  
 chega a parecer que não há  
 [...]

*Cenas mudas* apresenta os preparativos para uma peça em que se fala dos movimentos dos atores, mas não há um enredo.

Em *Planos de fuga e outros poemas*, de 2005, há referências ao “Prometeu” de Kafka e ao poema de Paul Celan “Sete rosas mais tarde”, numa primeira experiência com o poema em prosa. As referências são também Haroldo de Campos e Drummond num poema a quatro mãos com Eduardo Sterzi.

Por fim, os primeiros livros – *Carbono*, de 2003, e *A lapso*, de 1999 – mostram no silêncio e na solidão a procura da palavra que diga “no ofício mudo/ lúdico/ antimúsico/ guardando/ um pássaro/ em cada pulso.” (p. 329)

Seus poemas, desde esses primeiros livros, retiram da paisagem urbana traços para a composição de um outro mundo, tentando o impossível, como diz nos versos de “Carbono”, em que retoma o pintor Magritte (p. 263):

tentando o impossível (num  
 quadro de magritte) o pintor –  
 palheta em punho – a mulher fora  
 da tela – atmosfera em que solta

a tinta – perfaz um braço no espaço

A reunião mostra um poeta experimentando, levando a palavra ao poema, ao poema em prosa e a uma escrita a quatro mãos. Em todos os livros, os poemas pensam e dizem o que está à sua volta: a cidade, a vida, a palavra e o silêncio. É uma visão desiludida, consciente inclusive dos limites da linguagem, que pode dizer: “Deixe assim, uma palavra a mais não dirá nada”.

Diferente dos modernos, que apostavam no progresso, diferente de um Gullar, que, nos anos 1970, entrava em combustão junto com os motores: “meu coração queima gasolina (da comum)/ como qualquer outro motor urbano”, aqui, já no poema “Carbono” (p. 263), gasolina asfíxia. O que nega e critica, avesso a qualquer euforia, progresso e modernização.

um dia igual aos outros

olhos vermelhos, boca  
seca, respiração frustrada  
vivo (treze de junho de  
dois mil e um) asfíxias,  
monóxidos, dióxidos –  
sua asma agora é minha.

No entanto, assim mesmo, persiste, em meio ao caos da cidade, com a aposta na palavra do poema, como em “Fronteiras”, do livro *Caderno inquieto*, de 2012 (p. 42).

acostumado a trazer por dentro a trincheira  
a desfilar pelas tormentas, sapatear em campos  
minados, o poema planta sua casa no fogo  
e explode cada cidade por onde passa (o remorso  
e suas curvas, os porões de uma ou outra alegria)  
[...]

Essa força explosiva da palavra passa por todos os livros, deixando como marca uma inquietação que torna cada poema um objeto de pensamento.